

A dialética materialista e a prática social

*Augusto Silva Triviños**

Resumo: A categoria da prática social é uma das mais importantes do materialismo dialético. Está ao lado das categorias da matéria, da consciência e da contradição. Que é a categoria da prática social? É o saber acumulado pelo ser humano através de sua história. Neste sentido, a prática social é, por um lado, ação, prática, e por outro lado, conceito dessa prática que se realizou no mundo dos fenômenos materiais e que foi elaborado pela consciência que tem a capacidade de refletir essa realidade material.

Palavras-chave: Prática social. Materialismo dialético.

Quando colocamos o problema da prática, forçosamente surge também o problema da teoria.

A prática e a teoria são categorias filosóficas. Uma, a teoria, se apresenta na consciência como uma imagem que representa o fenômeno material elaborado e organizado como fenômeno espiritual. Mediante a linguagem oral ou escrita, que constituem uma prática social, ou exclusivamente com a prática, esse fenômeno espiritual se transforma em fenômeno material, que representa o fenômeno material original, captado pela consciência. O reflexo do fenômeno material pela consciência permite ao ser humano, em geral, reconhecer esse fenômeno material como algo existente fora de sua consciência. Porém, este reconhecimento pode ter um nível relativo, porque o reflexo do fenômeno material na consciência depende de diversas condições inerentes tanto à pessoa como ao ambiente. De maneira que prática, frente a determinado fenômeno material, pode ser limitada, porque carece de conhecimento acurado desse fenômeno material. E, desse modo, o reflexo desse fenômeno material na consciência também tem fronteiras, que podem ser

* Professor doutor na Faculdade de Educação da UFRGS.

mais ou menos estreitas. Ou seja, o tipo de prática desenvolvida frente a um determinado fenômeno material, origina o reflexo na consciência, relativamente, semelhante no nível de complexidade, ao da prática desenvolvida frente a determinado fenômeno material.

A práxis, ou a prática social, é unidade da teoria e da prática. É o mundo material social elaborado e organizado pelo ser humano no desenvolvimento de sua existência como ser racional. Esse mundo material social, ou conjunto de fenômenos materiais sociais, está em constante movimento, organizando-se e reorganizando-se perpetuamente. Na existência real o ser humano, como ser social, realiza uma atividade prática, objetiva, que está fora de sua consciência, e que visa a transformação da natureza, da sociedade. Este processo de mudanças fundamentais ou não, se realiza através dos seres humanos, das classes sociais, dos grupos e dos indivíduos.

Podemos entender a teoria como um conjunto de conceitos, sistematicamente organizado e que reflete a realidade dos fenômenos materiais sobre a qual foi construída e que serve para descrever, interpretar, explicar e compreender o mundo objetivo. Esse nível de conceitos é o mais alto que pode alcançar o ser humano na explicação e compreensão da vida natural e social. Porém, no viver cotidiano, o ser humano, em geral, para interpretar, descrever, compreender e explicar os fenômenos materiais, não precisa buscar ou conhecer a essência dos fenômenos materiais. Basta apoiar-se em suas percepções que são fruto de sua experiência. Dessa maneira, por exemplo, não necessita conhecer a essência da água, H₂O, para matar a sede ou conhecer que esse objeto é um livro e não uma caneta.

Em relação a esta definição de teoria, devemos, pelo menos, fazer três esclarecimentos. Em primeiro lugar, toda teoria é histórica. Ou seja, tem um tempo determinado de existência válida em forma total ou parcial. As teorias de Newton, por exemplo, tiveram mais de dois séculos de existência. Quando apareceu a teoria

da relatividade de Einstein muitas de suas idéias essenciais desapareceram, porém alguns elementos delas seguem sobrevivendo.

Entretanto, a teoria de que a terra era plana, deixou de existir depois um longo período. Do mesmo modo ocorreu com a teoria de que a terra era o centro do universo.

Em segundo lugar, devemos considerar que o mundo social está em perpétua mudança e transformação, o que significa que os fenômenos materiais, nunca seguem sendo eternamente os mesmos.

Por outro lado, o avanço as ciências naturais e da matemática, de modo singular, desenvolvem novas tecnologias científicas que permitem ao ser humano investigar realidades materiais, que antes desses descobrimentos apresentavam dimensões que, de algum modo, com os novos conhecimentos, deixaram de existir. Isso ocorreu, por exemplo, com a invenção do microscópio e o telescópio.

A prática é a atividade objetiva na realização da qual o homem emprega todos seus meios humanos, todas suas forças e também os recursos espirituais. A prática, como a teoria, é histórica. A prática e a teoria que surgem nas sociedades de classes estão orientadas pelos interesses das classes dominantes. Isto não quer dizer que fiquem eliminadas totalmente as possibilidades da existência, nessas sociedades, de teorias e práticas que tenham origem nas classes dominadas:

A prática abarca todo o processo material da vida da humanidade e por isso desenvolve-se, como a atividade da produção, que no decurso de toda a história da humanidade é sempre a forma fundamental da prática; a atividade política, ligada à existência de classes e Estados; as atividades experimentais, culturais, pedagógicas e outras atividades sociais, diretamente apontadas para a transformação da realidade objetiva. (BUHR, 1980, v. 1, p. 16)

A prática, se considerarmos como sujeito a humanidade, pode ser entendida como a “transformação material do objeto pelo su-

jeito”. (WITTICH, 1980, v. 1, p. 19)

É interessante salientar que existem diferenças fundamentais, e não podem ser consideradas como idênticas, a prática social no conceito do materialismo dialético com a prática ou estágio que realizam os estudantes de medicina, pedagogia, enfermagem etc. A prática “refere-se sempre à totalidade do processo social de atividade material e não as atividades individuais”. (WITTICH, 1980, v. 1, p. 20)

Entender a prática como uma experiência individual, subjetiva, de natureza sensorial, é característica do empirismo e do positivismo. Uma das correntes do positivismo, o pragmatismo, fez da prática individual sua dimensão mais característica.

O pensamento, as idéias, os conceitos que temos sobre a realidade que constituem a relação teórica do sujeito com o objeto, “surge e se desenvolve a base da interação prática entre eles”. (KOPNIN, 1978, p. 168). A prática, no sentido do materialismo dialético, é uma forma especificamente humana de atividade e tem caráter material. Neste processo de interação prática os resultados dele podem ser observados, direta ou indiretamente, através da contemplação empírica, e se muda o objeto e, ao mesmo tempo, muda o próprio sujeito. (KOPNIN, 1978, p. 168).

A prática, como atividade relacional, une o sujeito e o objeto e dá origem às coisas que existirão independentemente de nossa consciência. “A prática é a unidade do sujeito com o objeto, é ativa por forma, porém, concreta sensorial por conteúdo e resultados”. (JAROSZEWSKI, 1980, v. 2, p. 19)

A prática baseia-se na concepção marxista de que as idéias não mudam a realidade material, e que só o material, que é a prática, é capaz de transformar a realidade objetiva.

Podemos considerar que:

O tipo fundamental da prática é a atividade de produção material humana. Ela cria os bens

materiais, transforma também socialmente a atividade revolucionária da massa que visa mudar as relações de produção. A atividade prática dos homens e sua participação sócio-política, nas suas Lutas de classe, em sua revolução social. (KOPNIN, 1978, p. 168)

A prática deve ser entendida como uma atividade orientada, através da qual os homens “transformam os objetos materiais e as estruturas econômicas e políticas, as instituições e outras formas de articulação social. Trata-se aqui das atividades individuais e coletivas que se desenrolam no quadro da transformação histórica das formas de interação social”. (JAROSZEWSKI, 1980, v. 2, p. 29)

A prática social humana é à base do conhecimento e, por conseguinte, da teoria. Porém, é possível conceber, e de fato é assim, a existência de uma teoria, e de uma prática que ainda não existe ou está em estado embrionário. Por exemplo, a práxis cósmica. Ela, sem dúvida, é posterior à teoria e apenas começa a se desenvolver. (VAZQUEZ, 1980, p. 29)

A teoria e a prática, entendidas como uma unidade deve preservar, porém, o reconhecimento da existência de uma certa autonomia da teoria em relação à prática. Por outro lado, se reconhecemos que a prática se manifesta fundamentalmente na produção, na experimentação e na ação revolucionária, não devemos esquecer o que nos disse Marx em sua Tese VIII sobre Feuerbach: existe uma prática e uma compreensão desta prática.

Isto significa que devemos conhecer as bases teóricas da prática, ou seja, conhecer a teoria que origina essa prática, não esquecendo que a teoria nasceu da prática, isto é, de múltiplas tentativas realizadas pelo ser humano em seu devir, de variadas tentativas práticas. Por exemplo, para elaborar a teoria da evolução o homem materializou muitas atividades práticas.

Porém, se o homem não conhece os elementos teóricos de uma determinada prática, ele não compreenderá a prática. Uma

prática realizada na produção, por exemplo, a elaboração do sal de cozinha será incompreensível para o leigo como o seria também para o homem ignorante de determinada ciência os experimentos realizados pelos científicos.

É interessante destacar que:

[...] quando falamos da prática como fundamento da teoria deve entender-se: a) que não se trata de uma relação direta e imediata, já que uma teoria pode surgir para satisfazer direta e imediatamente exigências teóricas, para resolver dificuldades de outra teoria; b) que, em consequência, apenas em última instância, como parte de um processo histórico-social, a teoria responde a necessidades práticas, e tem a sua fonte na prática. (VAZQUEZ, 1980, v.2, p. 40)

Quando destacamos a autonomia relativa da teoria da prática, devemos reconhecer que ela não existe sem um mínimo de ingredientes teóricos, a saber:

[...] a) Um conhecimento da realidade que é o objeto da transformação; b) um conhecimento dos meios, e de sua utilização, da técnica exigida por cada prática, com a que se leva a cabo a referida transformação; c) um conhecimento da prática acumulada, sob a forma de teoria que sintetiza ou generaliza a atividade prática na esfera em questão, já que o homem apenas pode transformar o mundo a partir de um determinado nível teórico, isto é, inserindo a sua práxis atual na história teórico-prática correspondente; d) uma atividade finalista, ou antecipação dos resultados objetivos que se pretendem atingir sob a forma de fins ou resultados prévios, ideais, com a particularidade de que estes fins para que possam cumprir a sua função prática terão de responder a necessidades e condições reais, terão de ser assimilados pela consciência dos homens, e contar com os meios adequados para a sua realização. (VAZQUEZ, 1980, v.2, p. 44)

Um dos pensadores contemporâneos que deu mais destaque à categoria da prática, foi Gramsci. Inclusive ele, chegou a falar da filosofia da prática, para referir-se ao marxismo. Sem eliminar os sentidos que o conceito de práxis tem no materialismo dialético, Gramsci colocou em relevo a idéia de prática como atividade político-social. E assim falou muitas vezes dando um mesmo sentido aos termos de prática e de política. Sem dúvida, Gramsci tomava como bases para seus pontos de vista que, porém, são originais, as palavras de Engels ao se referir às teses sobre Feuerbach de Marx, onde este sublinhava a importância da prática revolucionária e sócio-histórica, como “a semente de um novo mundo lançada à terra por um gênio”.(NARSKI, 1980, v. 2, p.119)

O conceito de prática como categoria filosófica é relativamente novo. Ele não existiu na filosofia pré-marxista, salvo no pensamento de Kant, Fichte, Hegel e Feuerbach, com diferentes sentidos, como veremos em seguida. Não houve, em geral, antes do século dezoito, uma preocupação da filosofia para discutir a idéia de prática em relação ao desenvolvimento da sociedade e as transformações que, pela ação do homem, sofriam a realidade tanto natural como social. O problema da prática começou a ser colocado nos primeiros quarenta anos do século dezenove pelo idealismo clássico alemão. Porém, esses filósofos estiveram longe de dar ao conceito de práxis as dimensões que teria logo no pensamento de Marx, que a considerou como uma atividade objetiva, material, fundamental, capaz de modificar a sociedade e a natureza, ao mesmo tempo, que era desenvolvida pelo homem, modificava a este. Com efeito, para Hegel era expressa em termos de conhecimento, como uma atividade do espírito absoluto que se externalizava nas coisas; para Kant a prática era uma ação da consciência moral; para Fichte a ação do espírito em geral, isto é, as idéias que estavam na consciência dos homens, diferente do ponto de vista de Hegel que considerava a idéia absoluta como algo exterior ao homem; e Feuerbach considerava a prática “[...] como o funcionamento biológico do organismo e sua relação natu-

ral com o meio ambiente” (NARSKI, 1980, v. 2, p. 111).

Mais tarde, no século vinte, Henri Bergson, denominado o “filósofo da vida”, começou também a falar de prática, mas como uma atividade da consciência individual dos homens. Sem dúvida alguma, o conceito de prática que mais fortuna teve no campo educacional, especialmente na escola nova, de cunho liberal e individualista, foi o sustentado pelos pragmatistas, encabeçados por W. James e Dewey, que fizeram da prática a “esfera única e exclusiva de reflexão filosófica. Descreveram-na como o meio da vida ativa do homem, mas subjetivaram-na, tratando-a como a ‘aventura’ da consciência na esfera da experiência individual” (NARSKI, 1980, v. 2, p. 111). Esta classe de prática, pragmatista, é, geralmente, a que se desenvolve em nossas escolas e nos trabalhos que se realizam na chamada educação popular. Esses “relatos de experiências”, sem apoios teóricos conscientes, estão impregnados da filosofia pragmatista individualista, baseada na competitividade e no interesse subjetivo.

As relações entre teoria e prática não podem ser consideradas em forma simples, mecânica, a saber: “[...] como que qualquer teoria baseia-se [...]”:

[...] de um modo direto e imediato na prática. É evidente que existem teorias específicas que não tem a mesma relação com a atividade prática. Mas, não esqueçamos que estamos a falar neste momento das relações entre teoria e prática no transcurso de um processo histórico-social que tem seu lado teórico e o seu lado prático. Na verdade, a história da teoria (do saber humano no seu conjunto) e da práxis (das atividades práticas do homem) são abstrações de uma única e verdadeira história: a história humana. É uma prova de mecanismo dividir abstratamente essa história em duas, e depois tratar de encontrar uma relação direta e imediata entre um segmento teórico e um segmento prático. Esta relação não é direta, estabele-

cendo-se através de um processo complexo em que umas vezes se transita da prática para a teoria e outras desta para a prática. (VASQUEZ, 1980, p. 40).

No aspecto primeiro deste capítulo, tratamos de desenvolver as relações que existem entre a teoria e a prática. Agora, neste segundo aspecto, procuramos caracterizar a práxis dentro da concepção materialista.

Sabemos que é muito difícil separar os tópicos que dizem relação entre a dialética materialista e a prática. Por isso, muitas vezes, estaremos apontando, talvez mediante outros materiais, aos mesmos conceitos que descrevemos noutra parte. Expressamos que aqui procuraremos descrever a concepção materialista da prática, quando talvez seja melhor dizer que trataremos de ver as relações do materialismo com a prática. A diferença pode ser sutil, mas existe e temos a esperança que ela fique clara para todos nós.

Feuerbach, materialista pré-marxista, afirma:

Anaxágoras: o homem nasceu para a contemplação do universo. O estágio da teoria é o estágio da harmonia com o mundo. Mas onde, ao contrário, o homem se coloca no ponto de vista prático e considera o mundo a partir deste, transformando até mesmo o ponto de vista prático no teórico, aí está ele cindido com a natureza, aí transforma ele a natureza numa escrava submissa do seu próprio interesse, do egoísmo prático. (FEUERBACH, 1988, p. 154)

Poderíamos dizer que este ponto de vista de Feuerbach, representa, em geral, as concepções que os materialistas anteriores a Marx tinham sobre a prática. Nela, nessa concepção, a prática surge como uma expressão egoísta do ser humano e não como um elemento de desenvolvimento da natureza, da sociedade, do próprio homem. Marx, criticando esse tipo de materialismo, diz: “O mais alto a que chega o materialismo contemplativo, isto é, o materialismo que não compreende o mundo sensível como ativi-

dade prática, é a visão dos indivíduos isolados e da sociedade civil”. (MARX, 1989, p. 110)

Logo, Marx concentra seus ataques sobre Feuerbach, especificamente, referindo-se, ao mesmo tempo, ao materialismo pré-marxista:

A insuficiência principal de todo o materialismo até nossos dias (o de Feuerbach incluído) é de a coisa, a realidade, o mundo sensível, serem tomados sob a forma do objeto ou da contemplação; mas não como atividade humana sensível, práxis, não subjetivamente. [...] Feuerbach quer objetos sensíveis, realmente distintos dos objetos do pensamento: mas não toma a própria atividade humana como atividade objetiva. Daí que, na Essência do cristianismo, apenas considere a atitude teórica como a genuinamente humana ao passo que a práxis é apenas tomada e fixada na sua forma de manifestação sordidamente judaica. Daí que ele não compreende o significado da atividade ‘revolucionária’, de crítica prática. (MARX, 1984, p. 107)

Na tese 5 sobre Feuerbach, Marx diz que este filósofo, “não contente com o pensamento abstrato, quer o conhecimento sensível; mas não toma o mundo sensível como atividade humana sensível prática”. (MARX, 1984, p. 109)

Na tese 3, Marx, definindo o materialismo que ele defendia, e referindo-se à educação e ao educador, coloca em destaque a importância da educação e do educador. Porém, adverte que na transformação da sociedade o educador deve também ser educado, porque são outras as condições nas quais está vivendo a sociedade que se transformou. E diz:

A doutrina materialista da transformação das circunstâncias e da educação esquece que as circunstâncias têm de ser transformadas pelos homens e que o próprio educador tem de ser educado. Daí que ela tenha de cindir a socie-

dade em duas partes, uma das quais fica elevada acima dela. A coincidência da mudança das circunstâncias e da atividade humana ou transformação só pode ser tomada e racionalmente entendida como práxis revolucionária. (MARX, 1984, p. 108)

Na tese 11, Marx critica aos filósofos cuja única preocupação foi a de interpretar o mundo de acordo com suas concepções, omitindo-se na tarefa que ele considera essencial: a de transformar esse mundo através da prática humana. E expressa: “Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes, a questão é transformá-lo”. (MARX, 1984, p. 111)

O processo de auto-alienação do homem está relacionado, fundamentalmente, com as relações que o homem tem com seus semelhantes, mas também com a natureza e consigo mesmo.

Toda auto-alienação do homem de si mesmo e da natureza, aparece na relação que ele postula entre os outros homens, ele próprio e a natureza. [...] No mundo real da prática, essa auto-alienação só pode ser expressa na relação real, prática, do homem com seus semelhantes. O meio através do qual a alienação ocorre é, por si mesmo, um meio prático. Graças ao trabalho alienado, por conseguinte, o homem não só produz sua relação com o objeto e o processo da produção como de outros homens estranhos e hostis; também produz a relação de outros homens com a produção e produto dele, e a relação entre ele próprio e os demais homens. (MARX, 1983, p. 8-9)

Marx afirma que é falsa a posição dos “ateístas que querem negar a Deus para confirmar a existência do homem. O socialismo dispensa esse método assim tão circundante; ele parte da percepção teórica e prática sensorial do homem e da natureza, como seres essenciais”. (MARX, 1983, p. 126-127)

O materialismo, disse Marx, ao criticar aos materialistas vul-

gares “rejeita como uma ilusão à emancipação puramente teórica e reivindica para a liberdade real, além da vontade idealista, condições absolutamente tangíveis, absolutamente materiais”. (MARX, 1981, p. 110)

Marx afirma que as idéias, princípios, teorias que são próprios do materialismo dialético, não foram inventados por ninguém: eles estão aí, existem num movimento histórico “que se processa diante de nossos olhos”. (MARK; ENGELS, 1981, v.1, p. 95). E sua aplicação prática dependerá sempre “e em toda parte das circunstâncias históricas existentes”. (MARK; ENGELS, 1981, v.1, p. 108)

É possível pensar que a vida humana, ainda em seus começos, sempre foi racional. Uma racionalidade incipiente permitiu ao homem organizar suas próprias atividades dentro dos grupos. Por exemplo, a divisão do trabalho de acordo com a idade e o sexo, e, posteriormente, a distinção entre trabalho pecuário e agrícola, caça e pesca, revelam a posse no homem desse espírito racional. Na concepção atual de teoria, esta não existia nos primórdios da humanidade. A produção, destinada a satisfazer necessidades básicas, cada vez foi fazendo-se mais complexa. Havia um conhecimento que os grupos tradicionalmente armazenavam. Esse conhecimento havia surgido da prática, da experiência. Por isso, a forma fundamental da prática se expressa nas atividades produtivas. Tudo isto permite dizer que:

[...] a faceta fundamental da prática é a atividade de produção. Ela não se limita a assegurar, em última instância, a existência da humanidade; foi pela atividade de produção que esta se elevou acima do reino animal. Da atividade de produção dependem todas as outras atividades práticas reagem em última análise, sobre a atividade de produção. (WITTICH, 1980, v.1, p. 27)

No processo de produção, além de outros elementos fundamentais, estão as forças produtivas (o próprio homem, as ferramentas, a experiência, os hábitos etc). Estas forças produtivas “são o

resultado da energia prática do homem”, mas este, “não é livre árbitro das suas forças produtivas, as quais são a base de toda sua história”, e depende esta força produtiva das circunstâncias na qual o homem se encontra situado.” (MARX, 1981, v.1, p. 145)

A práxis do homem é consciente, em todos seus momentos, especialmente no processo de produção. A práxis, como processo material, como “matéria”, é diferente a outras formas ou manifestações da matéria precisamente pela sua dimensão consciente que apresenta. Isto origina um problema que é interessante enunciar. Se a práxis é consciente podemos dizer que existe uma “falsa práxis” ou “uma práxis verdadeira, científica”? A resposta a este questionamento deve ser situada no estabelecimento, com clareza, do nível social da práxis existente.

Segundo Opitz (1980, v.2, p. 105) a prática, no total, possui um caráter social e realiza as seguintes funções:

*Produz a vida social e as suas necessidades, é dinâmica dessa vida;
Satisfaz as necessidades da vida social e produz um mundo (realidade histórica) adequado, correspondente às necessidades humanas;
Determina o progresso e o curso da vida social;
(ideologia, ciência, cultura)*

É fundamental, para caracterizar melhor o materialismo dialético, destacar como este estabeleceu a relação entre práxis e conhecimento, que desenvolveremos na parte seguinte do corpo destas notas, e diferenciá-lo, assim do materialismo anterior ao esboçado por Marx e Engels.

Em geral, podemos dizer que o materialismo pré-marxista, e toda a filosofia, ignoram, quando elaboram idéias sobre teoria do conhecimento, a condição social e histórica do homem, isto é, o isolavam em forma absoluta, reduzindo-o, ou bem a um ser individual que se ia impregnando do saber a medida de seu desenvolvimento, através da experiência, ou era a razão imanente do ser

humano ou uma razão superior que permitia a constituição do conhecimento:

O materialismo pré-marxista não podia compreender a dependência do conhecimento em relação à prática social, isto é, a dependência do conhecimento em relação à produção e à luta de classes, porque ele examinava o problema sem levar em conta a natureza social do homem, nem seu desenvolvimento histórico. (TUNG, 1961, p. 162)

Nesta última parte do capítulo da dialética e da práxis, tentaremos apresentar dois aspectos fundamentais da práxis. O primeiro deles refere-se à práxis como origem do conhecimento, e o segundo, à práxis como critério de verdade.

Já temos os alicerces primordiais que nos ajudarão a apresentar com uma orientação definida nosso problema: a natureza social do homem e sua característica primária de ser um ente que se desenvolve historicamente.

Que entendemos por critério de verdade?

De maneira geral, podemos dizer que entendemos por critério de verdade um conjunto de parâmetros que nos permite determinar se um conhecimento é verdadeiro ou falso.

A diferença fundamental que existe entre o idealismo e o materialismo, referente ao conhecimento, reside no fato que, ao contrário do idealismo, o materialismo concebe a origem das idéias, a formação das idéias, a partir das formações materiais. Para o materialismo é a práxis material a que determina as idéias, e não estas a que definem aquela.

Ao contrário da visão idealista da história, a concepção materialista não tem de procurar em todos os períodos uma categoria, pois permanece constantemente com os pés assentes no chão real da história; não explica a práxis a partir da idéia, explica as formações de idéias

a partir da práxis material, e chega, em consequência disto também a este resultado; todas as formas e produtos da consciência podem ser resolvidos não pela crítica espiritual, pela dissolução na 'consciência de si' ou pela transformação em 'aparições', 'espectros', 'manias' etc, mas apenas pela transformação prática (revolucionária) das relações sociais reais de que derivam estas fantasias idealistas, a força motora da história, também da religião, da filosofia e de todas as demais teorias, não é a crítica, mas sim a revolução". (MARX; ENGELS, 1984, p. 48)

Como a prática exerce a sua influência sobre o conhecimento? Para dar uma resposta a esta questão, é conveniente lembrar que a prática é, ao mesmo tempo, um processo que se manifesta socialmente e como transformação da realidade objetiva. Sendo assim, a prática é a base do conhecimento, isto é, que através dela, nós podemos conhecer a realidade objetiva, captar suas relações, suas propriedades, sua essência. Mas a prática não é só a base do conhecimento, é ponto inicial dele, algo que o movimenta que é sua origem. Desta maneira, o conhecimento não se opõe à prática, já que esta o origina.

Pensemos, por um momento, numa prática específica, a navegação à vela. Nos primórdios dela, existia uma prática imperfeita e havia necessidade de novos conhecimentos. E foi através da prática, vencendo dificuldades, satisfazendo necessidades, que o homem chegou a ter um conhecimento sobre a navegação à vela. Mas aí começaram a nascer outras necessidades. O homem não estava satisfeito, por exemplo, com o tempo que demorava entre um ponto e outro da terra, através do mar. E houve tentativas de outras práticas de navegação até obter um conhecimento que permitiu concretizar a satisfação dessas necessidades. Esse conhecimento, já estabelecido, permitiu, a sua vez, a realização de novas práticas.

Quando as práticas alcançam os níveis de verificação na realidade, então o conhecimento que surge dessas práticas pode ser denominado ciência, arte. Estas são veículos para novas práticas que podem ou não ser idênticas: isto dependerá das condições dos sujeitos, do meio, do momento histórico. As práticas estão historicamente determinadas como estão os conhecimentos. Mas não todo o conhecimento surge das necessidades práticas imediatas.

Quando mais avançada é a prática, tanto mais a ciência é também influenciada pelas necessidades espirituais derivadas das necessidades práticas imediatas. Estas necessidades espirituais relevantes para o progresso do conhecimento nascem, por exemplo, da própria ciência. Assim, mais recentemente, o desenvolvimento da lógica formal tem sido determinado, essencialmente, por necessidades da ciência matemática que não resultam diretamente da prática. Estas necessidades apenas indiretamente práticas, estão subjacentes a teorias como a semiótica, a tratados sobre a natureza do processo de abstração e de generalização, da formação de hipóteses e de teorias etc. (WITTICH, 1980, p. 37)

O ser humano realiza práticas que constituem conhecimentos. Estes conhecimentos devem ser dominados pelas pessoas, porque eles são, poderíamos dizer, práticas cristalizadas. O que ignora os conhecimentos alcançados por uma época determinada, vamos a pensar, em medicina o uso dos raios laser para realizar operações delicadas, caminha retrasado nessas respectivas práticas médicas. E assim, o conhecimento torna-se fundamental, porque nele estão embutidas práticas essenciais para satisfazer necessidades humanas. Por isso as lutas, em algum sentido, das classes populares por escolas, porque se considera que estas produzem condições igualitárias no domínio do conhecimento. Às vezes, porém, as escolas esquecem que esses conhecimentos nasceram de práticas. Por isso as tendências de unir a educação, que é fundamentalmente conhecimento, com o trabalho, e, se é possível,

com o trabalho produtivo.

O anterior pode levar à crença, talvez, que a prática e o conhecimento são idênticos. Estão reciprocamente relacionadas, mas são duas coisas diferentes. A prática, repetirmos: é material; o conhecimento, espiritual:

A teoria do conhecimento do materialismo dialético coloca a prática em primeiro lugar, considera que o conhecimento humano não pode ser separado nem um pouco da prática e repudia todas as teorias errôneas que negam a importância da prática, ou separam o conhecimento da prática. (TUNG, 1961, p. 274)

Como se desenvolve o conhecimento para dizer que o conhecimento nasce da prática e serve, por sua vez, à prática? Para ter uma resposta a esta questão, é necessário, sucintamente, fazer uma revisão do processo de desenvolvimento do conhecimento.

Para o materialismo dialético a base do conhecer está no reflexo. Esta é uma atividade subjetiva que parte da realidade objetiva e leva uma imagem cognitiva a uma imagem ideal. E isto origina a prática. Mas só “em última instância” (KOPNIN, 1980, p. 129) a prática dirige a evolução do pensamento. Este, verdadeiramente, tem suas próprias leis, sua própria lógica que pode estar vinculada à prática, mas que é relativamente autônoma.

A prática é racional, mas também pode ser não-racional. Verdadeiramente na prática humana sempre existe o racional e o não-racional. Não são coisas opostas. São, relativamente, estágios. O homem torna o não-racional em racional, mas imediatamente nos estágios racionais surgem novas expressões do não-racional.

A dialética materialista não rejeita a intuição. Apenas a considera como uma forma do pensamento racional, onde verificado um salto, uma ruptura da continuidade do pensamento racional.

O homem conhece sensorialmente e expressa esse conheci-

mento em forma de juízos de percepção. Por isso, o conhecimento sensorial sempre é pensamento. Mas existem outras formas de pensamento muito mais elevadas, mais completas, mais perfeitas. Algumas delas surgem após do que o ser humano tem repetidas experiências na realidade objetiva e penetra nas relações que são essenciais dos objetos. O conceito de “mamífero” surgiu depois de ser presenciado o fenômeno milhares de vezes e realizado por diferentes seres. Isto é, a formação de conceitos precisa de algum material empírico.

Na formação de conceitos tem muita importância a experimentação. As práticas se generalizam. Nasce a dedução:

No processo de surgimento e desenvolvimento dos conceitos cabe enorme papel à dedução. Nesta é onde melhor pode se observar o caráter mediato, criador do pensamento humano. Grande parte do conhecimento humano tem caráter dedutivo. O estudo da dedução, as regras e formas de extrair um juízo de outros, constitui tarefa essencial da lógica formal. A dialética não deve substituir a lógica formal nessa questão. O campo da dialética é o estudo da natureza gnosiológica das deduções, sua função no movimento do pensamento no sentido da verdade, do papel da dedução na formação e desenvolvimento das teorias científicas. Na teoria da dedução a tarefa consiste em que, ao analisar o processo real, vivo, concreto do conhecimento, tomar aquelas formas de dedução que nele se verificam, esclarecer a essência, o lugar e a relação delas quer entre si, quer com outras formas de conhecimento. (KOPNIN, 1980, p. 213)

A dedução nasce da prática. O trabalho é uma forma de prática. A prática é a que torna, ou pode tornar a hipótese, em conhecimento científico. Não existe uma identidade entre a realização prática de uma idéia e a idéia. Isto ocorre especialmente quando as idéias não estão adequadamente amadurecidas, mas também a prá-

tica, às vezes, não pode realizar as idéias. (KOPNIN, 1980, p. 288)

O materialismo dialético tem como critério de verdade a prática, isto é, todo conhecimento é verdadeiro se é verificado na prática, na produção, no experimento, na revolução social:

O ponto de vista da vida, da prática, deve ser o ponto de vista primeiro e fundamental da teoria do conhecimento. E ele conduz inevitavelmente ao materialismo, afastando desde o princípio as invencionices intermináveis da escolástica professoral. Naturalmente, não se deve esquecer que o critério da prática nunca pode, no fundo, confirmar ou refutar completamente uma representação humana, qualquer que seja. Este critério é também suficientemente 'indeterminado' para não permitir que os conhecimentos do homem se transformem num 'absoluto', e, ao mesmo tempo, suficientemente 'determinado' para conduzir uma luta implacável contra todas as variedades de idealismo e de agnosticismo. Se aquilo que a nossa prática confirma é a única e última verdade objetiva, daí decorre o reconhecimento de que o único caminho para esta verdade é o caminho da ciência assente no ponto de vista materialista. (LENIN, p. 107)

“A resolução das contradições teóricas somente é possível através de meios práticos, somente através da energia prática do homem”. (MARX, 1983, p. 122). “A solução de um problema teórico é uma tarefa da prática”. (MARX, 1983, p. 133)

O critério de verdade do materialismo dialético está, especificamente, na Tese 2, sobre Feuerbach, de Marx. Por ser um fragmento clássico do marxismo, o destacamos a seguir:

A questão de saber se ao pensamento humano pertence à verdade objetiva, não é uma questão da teoria, mas uma questão prática. É na práxis que o homem tem de comprovar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o caráter

terreno, do seu pensamento. A disputa sobre a realidade ou não realidade do pensamento, que está isolado da práxis, é uma questão puramente escolástica. (MARX; ENGELS, 1983, p. 107-108)

Muitos filósofos contestam a possibilidade de um conhecimento do mundo em seus aspectos essenciais. O homem não estaria em condições de conhecer a “coisa em si”. A esta linha de pensamento pertencem, por exemplo, Kant e Hume. Porém, a ciência está demonstrando que, num dado momento, o que era a “coisa em si” se transforma em “coisa para nós”.

A mais percuciente refutação desta, como de todas as tintas filosóficas, é a prática, nomeadamente, a experimentação e a indústria. “(MARX; ENGELS, v.3, p. 389)

Se o marxismo reconhece como critério elevado e decisivo o da prática, isto não quer dizer que não aceite outros critérios para reconhecer se um conhecimento é verdadeiro ou falso. Porém estes critérios (como os de correspondência, coerência) são secundários e apóiam o critério principal da prática.

É interessante, para terminar esta breve apresentação sobre a dialética e a prática, social, estabelecer as diferenças que existem entre o critério da prática do materialismo dialético e o critério de utilidade do pragmatismo. James explica o critério de utilidade assim:

Quando se revela que idéias teológicas têm valor para a vida real, elas tornam-se verdadeiras para o pragmatismo, no sentido de que são úteis. Observa-se que aqui não são verificados enunciados como “Há um deus”, senão proposições como é vantajoso para um determinado grupo de homens que existe um deus com estas ou aquelas qualidades. (WITTICH, 1980, v. 1, p. 31)

Dialectical Materialism and the social practice.

Abstract: The social practice category is one of the most important categories of Dialectical Materialism. It is placed in the same level as material, conscience and contradiction. In the present study, the meaning of social practice will be discussed. It is basically accumulated knowledge which the human being has reached throughout his History. In this sense, social practice is, on one hand, action, practice and on the other hand, a concept of this practice, which has occurred in the space of material phenomena and has been worked out by conscience has the capacity of reflect this material reality.

Keywords: Social Practice. Dialectical Materialism.

Materialismo dialéctico e la práctica social.

Resumen: La categoría de la práctica social es una de las más importantes del materialismo dialéctico. Está al lado de las categorías de la materia, de la consciencia y de la contradicción. ¿Que es la categoría de la práctica social? Es el saber acumulado por el conocimiento humano a través de su historia. En este sentido, la práctica social es, de una parte, acción práctica, y por otra, concepto de esa práctica que se ha realizado en el mundo de los fenómenos materiales y que fue elaborado por la consciencia que tiene capacidad de pensar esa realidad material.

Palabras clave: Materialismo dialéctico. Práctica social.

REFERÊNCIAS

- BUHR, Manfred; KOSING, Alfred. Práxis. In: MAGALHÃES-VILHENA, Vasco (Org.). **Práxis**. Lisboa: Horizontes, 1980. v 1.
- FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. São Paulo: Papyrus, 1988.

Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 121-142, maio/agosto de 2006.

- JAROSZEWSKI, A. In: MAGALHÃES-VILHENA, Vasco (Org.). **Práxis**. Lisboa: Horizontes, 1980. v. 2.
- KOPNIN, P.V. **A dialética como lógica e teoria do conhecimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- LÊNIN, V. **Materialismo e empiriocriticismo**.
- MARX, K. Carta a Pavel V. Annencov (28/12/1846). In: _____. **Obras escolhidas**. Rio de Janeiro; Ed. Vitória, 1961. v.1
- MARX, K. ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Moraes, 1984.
- MARX, K. **La sagrada família**. Madrid: Akal, 1981.
- MARX, K. Manuscritos Econômicos e Filosóficos. In: FROM, Erich. **O conceito marxista do homem**. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- MARX, K., ENGELS, F. **Obras Escolhidas**. Moscou: Progressos. [1960?].v.1..
- NARSKI, Igor. A categoria da prática e a "marxologia". In: MAGALHÃES-VILHENA, Vasco (Org.). **Práxis**. Lisboa: Horizontes, 1980. v.1
- OPITZ. In: MAGALHÃES-VILHENA, Vasco (Org.). **Práxis**. Lisboa: Horizontes, 1980. v. 2.
- TUNG, Mao Tse. **Obras Escolhidas**. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1961.
- VAZQUEZ, Adolfo. Filosofia da práxis. Unidade da teoria e da prática. In: MAGALHÃES-VILHENA, Vasco (Org.). **Práxis**. Lisboa: Horizontes, 1980. v. 2.
- WITTICH, Dieter. In: MAGALHÃES-VILHENA, Vasco (Org.). **Práxis**. Lisboa: Horizontes, 1980. v 1.

Recebido em: 29/03/2006

Aprovado em: 20/08/2006